

## **OS MOTIVOS DE PROFESSORAS APOSENTADAS PARA RETORNAREM A DOCÊNCIA APÓS A APOSENTADORIA**

Vanessa Ribeiro Andreto Meira  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Brasil  
E-mail: vanessa.777vm@gmail.com

Yoshie Ussami Ferrari Leite  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Brasil  
E-mail: yoshie@fct.unesp.br

Trabalho de natureza teórica

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar os dados de nossa pesquisa referentes aos motivos que levaram seis professoras das redes de ensino de Presidente Prudente-SP e Presidente Bernardes-SP a se aposentarem e retornarem à docência após a aposentadoria. Os resultados indicaram que os motivos que influenciaram o retorno das professoras têm relação com o contexto de precarização da profissão docente. O medo de perder a identidade social e profissional, tornando-se inativas, também foram justificativas apresentadas pelas professoras para a decisão de retornar à docência.

**Palavras-chave:** Professores Aposentados. Retorno à Docência. Condições de Trabalho Docente.

### **1 Introdução**

A abertura de espaço no mercado de trabalho para profissionais já aposentados é um fenômeno contemporâneo, que a cada dia mais se faz presente em nossa sociedade. Uma das hipóteses para explicar esse reingresso diz respeito aos aspectos da inatividade, uma situação em que o indivíduo sente-se deslocado, exatamente por não desempenhar mais uma função produtiva. Diante disso, alguns aposentados sentem a necessidade de reingressar no mercado de trabalho, eventualmente na mesma profissão, bem como de se engajar em serviços voluntários ou em outro tipo de atividade, justamente para retomarem o sentimento de que são úteis e que ainda têm uma contribuição a oferecer.

Podemos pensar em outras hipóteses para explicar o que leva um aposentado a retornar ao trabalho, mas não podemos dizer que todas as pessoas que passam pelo processo de aposentadoria vivem as mesmas experiências. A vivência de determinadas situações depende do contexto em



que o indivíduo está inserido e, principalmente, da forma como o processo de aposentadoria foi planejado e experienciado.

Dartora (2009), por exemplo, demonstra como a sociedade é contraditória no que concerne ao assunto. Por um lado, considera a aposentadoria um direito e uma conquista do trabalhador, depois de muitos anos de esforços e trabalho. Por outro, desvaloriza o sujeito depois de aposentado, que passa a ser visto como improdutivo e, portanto, inútil. Não raro, também, o indivíduo que se aposenta, principalmente quando lhe cabe o papel de mantenedor do grupo familiar, precisa continuar trabalhando por necessidade financeira, considerando-se que, para grande parcela dos brasileiros, os valores recebidos com a aposentadoria não cobrem as despesas de sua manutenção e de seus dependentes.

Segundo Zanelli e Silva (1996), os motivos que levam ou não o aposentado de volta ao trabalho são muito complexos. Debert (1999), afirma que o trabalho tem o papel de regulador da organização da vida humana, determinando horários, atividades e relacionamentos pessoais, fundamentais para a vida social, conforme as suas exigências. As atividades exercidas ao longo da vida servem de ponto de referência para as pessoas, sendo difícil desvincular-se delas. Além disso, a atividade remunerada tem um valor muito importante para as pessoas, o que pode dificultar seu afastamento em decorrência da aposentadoria (DARTORA, 2009).

No caso do professor, existem mais algumas dificuldades. O ambiente escolar, como espaço de trabalho, vem enfrentando o aparecimento de inúmeros dilemas, frutos das mudanças sociais ocorridas nos últimos tempos. Entre as novas funções delegadas ao professor, conforme Tedesco (2001) está a de promover a socialização primária das crianças, ou seja, ensinar conceitos básicos para a convivência na sociedade, função antes desempenhada pela família. Segundo o autor, se a família se exime dessa tarefa, conseqüentemente ela será desenvolvida pela escola e pelos professores, já que é no meio escolar que os alunos passam grande parte do dia.

Nóvoa (2007) também relata que, nos últimos tempos, a sociedade lançou para dentro da escola e atribuiu aos professores múltiplos afazeres, fato



que tem tornado difícil à instituição e ao corpo docente definir suas prioridades. Essa situação pode ser um ponto gerador de conflitos e de problemas na ação dos professores, já que necessitam desenvolver funções diversificadas diariamente. Assim, é possível que muitos deles pensem em se dedicar a outras atividades, sem relação com o meio escolar, ou busquem suas aposentadorias, com o intuito de se distanciar do trabalho, muitas vezes em decorrência de problemas psicológicos e físicos que podem estar vinculados aos dilemas cotidianos e à pressão que sofrem no desempenho de sua função.

No entanto, mesmo com o crescimento dos dilemas vivenciados pelos professores dentro do ambiente escolar, temos verificado, nos últimos tempos, o retorno de docentes aposentados ao exercício da docência. Essa aparente incoerência nos faz refletir sobre os motivos que levam um aposentado a abandonar essa condição e voltar a uma escola em constante mudança e que vem assumindo novos papéis para os quais muitas vezes ainda não está preparada.

Pensando na realidade da atual escola pública brasileira, onde os professores se defrontam com muitos conflitos e novas atribuições, é possível que, no final de suas carreiras, eles passem pelo processo de desinvestimento amargo, em função dos aspectos negativos presentes no meio escolar. Por outro lado, porém, existe também a possibilidade de vivenciarem um desinvestimento sereno de sua profissão, desde que, ao avaliarem a sua carreira, segundo a proposta de Lapo (2008), o resultado do balanço entre as dimensões objetivas e subjetivas seja positivo, o que lhes garante vivenciar o bem-estar na profissão, de forma que se desligar do trabalho não representa um processo tão conflituoso, e retornar à docência após a aposentadoria tampouco representará uma decisão penosa.

Com o intuito de saber mais sobre o fenômeno do retorno de professores aposentados à docência e de poder refletir acerca das hipóteses que os levam a essa ação, realizamos, no mês de junho de 2009, um levantamento das pesquisas produzidas nos últimos 10 anos (1999-2009), em programas de pós-graduação em educação de quatro universidades do Estado de São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de



Educação da Universidade de São Paulo – USP/SP; Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP; Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, área de concentração “Metodologia de Ensino”; Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Mediante esse levantamento, foi possível constatar que, de um total de 2.853 teses e dissertações consultadas, apenas duas, uma de mestrado e outra de doutorado, discutiam questões que envolviam os professores em final de carreira e aposentados.

As duas pesquisas encontradas vincularam-se à investigação das expectativas criadas pelos sujeitos no momento da aposentadoria, à velhice e aos fatores que acarretaram suas aposentadorias.

Nesse sentido, entendemos que existem pontos de convergência entre nossa pesquisa e os trabalhos identificados, principalmente no que se refere aos fatores de transição de uma vida ativa para outra, por muitos caracterizada como inativa. Já os aspectos que diferenciam esta pesquisa das duas anteriores, que têm como sujeitos professores universitários, são o foco em profissionais que atuam no ensino fundamental e a preocupação com os motivos que os levam a voltar para a escola depois de aposentados.

É nesse sentido que justificamos a importância deste estudo, nesta área ainda pouco explorada, e nos propusemos a responder: Quais são os motivos que levam um professor aposentado a retornar ao exercício da docência? Para responder essa indagação, definimos como objetivo geral investigar a situação dos professores dos anos iniciais, aposentados, que retornaram à docência na rede municipal de ensino de Presidente Prudente-SP e de Presidente Bernardes-SP.

## **2 Motivos para o retorno das professoras aposentadas ao exercício da docência**

O retorno de professores aposentados da educação básica à docência nas redes municipais de ensino constitui um fenômeno recente. Autores como



Veiga (2009), Stano (2001) e Bragança (2004) realizaram estudos acerca do assunto, pesquisando, porém, a volta de professores universitários aposentados à ativa. A docência no ensino superior, como se sabe, possui características bem diferentes em relação ao trabalho desenvolvido por professores na educação básica. Não se pode comparar, por exemplo, o grau de valorização de cada categoria. Além disso, a cada dia as cobranças e as dificuldades a que estes são submetidos só fazem aumentar.

Entendemos que a situação vivenciada pelos professores das primeiras séries tem suas raízes no conturbado processo histórico de construção da educação pública brasileira. Beisiegel (2006) defende que a democratização do acesso, ainda que não tenha sido a causa da perda da qualidade da escola pública, impôs-lhe grandes mudanças. Essas transformações contribuíram para o surgimento de inúmeros dilemas, não por terem tornado a educação acessível à maioria da população, o que consideramos um grande avanço, mas pela forma como elas foram implantadas.

Autores como Nóvoa (2007) e Peroni; Bazzo e Pegoraro (2006), entre outros, apontam que os profissionais que atuam na escola pública vêm tendo dificuldade em entender tanto suas próprias funções quanto o papel dessa instituição na sociedade atual. Nóvoa (2007) relata que a todo o momento novas atribuições são apresentadas aos professores e ao meio escolar, com o intuito de que problemas de cunho social sejam por eles solucionados. Essa cobrança social dirigida à escola pública e a seus profissionais é a responsável pelo surgimento de inúmeros dilemas, os quais têm tornado o ambiente escolar cada vez mais complexo (MEIRA; LEITE, 2013)

Diante disso, é pertinente que entendamos como as professoras aposentadas vinculadas a este estudo refletem acerca da importância desse espaço, visto que a ele retornaram após a aposentadoria. Quando realizamos as entrevistas da primeira etapa, perguntamos às professoras: Por que você escolheu a rede municipal de ensino e não outras instituições, como as escolas particulares?

As professoras entrevistadas informaram que optaram pelo trabalho na escola pública municipal porque gostam desse ambiente e, também, por não



terem identificado diferença entre os vencimentos oferecidos no serviço público e os da escola particular. Além disso, o diferencial, como esclareceram as professoras, é a possibilidade de obtenção de um cargo efetivo, o que representa uma estabilidade, sem que a cada final de ano tenham a necessidade de concorrer a salas e aulas. Vejamos alguns relatos ilustrativos:

[...] a rede municipal de ensino me oferece mais vantagens do que outros lugares (Professora Carolina – Entrevista 1ª Etapa).

[...] olha eu até fui chamada para trabalhar em uma escola particular, mas eu não fui porque a diferença de salário é muito pequena e eu gosto de trabalhar na escola pública (Professora Chalimar – Entrevista 1ª Etapa).

Com o intuito de complementar as opiniões expostas pelas professoras acerca da escola pública, nas entrevistas de aprofundamento resolvemos indagar-lhes acerca do significado da escola pública, solicitando que apontassem seus pontos positivos e negativos. Diante de tal questionamento, obtivemos as seguintes informações:

[...] ela é um espaço que é para todos. Eu acho que ela tem algo que a particular não tem, que é a dedicação do professor. Porque quem tá ali é porque gosta do que está fazendo. Eu acho que a escola pública oferece mais criatividade e mobilidade para o aluno. (Professora Chalimar – Entrevistas de Aprofundamento)

[...] a escola pública, eu sempre achei muito boa. (Professora Luciana – Entrevistas de Aprofundamento)

[...] pública quer dizer: “do povo”. Eu acho assim que o governo tem que investir na escola. A nossa escola tá vivendo um processo de fracasso, pois o professor está sozinho tentando resolver tudo e assim ele não vai conseguir. Precisa de investimento do governo. Eu acho que esse fracasso tem conserto. (Professora Flor do Campo – Entrevistas de Aprofundamento)

[...] acho que é um lugar onde as pessoas têm o direito de estudar sem precisar pagar. Apesar de a nossa escola ser boa, acho que se você tiver oportunidade de pagar uma escola, eu aconselharia. Mas, a escola pública é um lugar onde muitas pessoas estudam por não poder pagar. É um meio de estudo. (Professora Carolina – Entrevistas de Aprofundamento)

Nos relatos apresentados pelas professoras participantes da pesquisa, percebemos um discurso muito forte acerca da valorização do espaço público de ensino, com ênfase no fato de que qualquer cidadão pode adquirir o conhecimento sem precisar pagar. Outro ponto a se destacar diz respeito à autonomia ligada à prática dos professores na escola pública, isto é, à liberdade de que gozam na construção de materiais pedagógicos e na elaboração das aulas, conforme seus conhecimentos e saberes docentes (MEIRA; LEITE, 2013).

Quanto aos pontos positivos e negativos relacionados ao ambiente da escola pública, observamos que algumas professoras repetiram os argumentos, apontando como aspectos positivos a liberdade que o professor tem para o trabalho e a entrada na escola de pessoas que anteriormente não possuíam esse direito. Chama atenção, no entanto, a dificuldade demonstrada por algumas das entrevistadas em elencar o que há de positivo na escola pública. A professora Luciana, por exemplo, afirma que a escola pública é boa, mas não consegue explicar por que assim a concebe. Quando a questionamos acerca dos pontos positivos da escola pública, o que percebemos foi certo desabafo em relação à situação que estava vivenciando na escola municipal onde lecionava:

[...] eu sinto que no Estado eu tinha um pouco mais de autonomia e de tentar realizar meu trabalho com os meus métodos, diferente da prefeitura que é bem mais regado e meio vigiado. Outra coisa: tiraram o reforço do primeiro ano, por que que não pode ter? Ah, é meio complicado. Outra coisa que eu acho que é falha também, nas HTPCs, eu acho que tínhamos que trabalhar um pouco mais a prática de elaboração de atividades, a coordenadora passar coisas pra gente. E a gente só trabalha com a teoria, lendo e discutindo. Eu acho isso interessante também, mas deveria mesclar alguns dias com estudos de textos e outros com a construção de atividades baseado naquilo que discutimos nas reuniões teóricas. (Professora Luciana, Entrevista de Aprofundamento).

A professora Carolina definiu como ponto positivo da escola a sua importância como um espaço em que não se paga pelo estudo. No entanto,



afirma que se as pessoas tiverem a oportunidade de escolher entre a escola pública e a privada, o melhor é optar pelo ensino particular que, em sua opinião, tem mais qualidade (MEIRA; LEITE, 2013).

Esse posicionamento pede uma reflexão acerca dos papéis e interesses da escola particular e da escola pública. Entendemos que seus papéis são antagônicos e defendemos que, mesmo diante dos muitos dilemas vividos no interior da escola pública, ela não perdeu a qualidade, como afirma Beisiegel (2006), uma vez que o aumento quantitativo do número de vagas pode ser considerado também como um fator de qualidade, pois novas oportunidades foram estendidas a setores anteriormente não contemplados. Segundo Silveira (1995, p. 25),

A função transformadora da escola, na verdade, não é exercida de forma direta, imediata, mas de forma indireta e mediata. Trata-se da função mediadora da escola que consiste na sua possibilidade de proporcionar às classes populares o acesso aos conhecimentos e habilidades teóricos e práticos necessários para uma compreensão científica, rigorosa e crítica da realidade em que vivem, tornando-as, assim, melhor instrumentalizadas para a luta pela sua libertação.

Nesse contexto, entendemos ser primordial o processo de manutenção e valorização desse espaço, em função da não reprodução de desigualdade e do provimento dos mecanismos de transformação e libertação da realidade social vivida atualmente (MEIRA; LEITE, 2013).

Em se tratando do trabalho vinculado a escolas particulares de ensino, direcionamos um questionamento à professora Flor do Campo, que nas entrevistas da primeira etapa nos revelou que escolheu a escola pública para o retorno à docência porque acredita que as escolas particulares não gostam do trabalho desenvolvido pelos professores “velhos”. Nas entrevistas de aprofundamento, ela nos ofereceu a seguinte resposta:

[...] eu acho que a pessoa mais velha ou experiente já possui um jeito de trabalhar e a escola particular busca moldar ao seu jeito o professor que trabalha com ela. Ah, eu pensei em trabalhar, tanto que enviei currículo, mas hoje eu vejo que a escola pública é melhor. Aqui nós podemos desabar, temos mais liberdade, mais autonomia. Na escola particular, os pais

cobram muito porque eles estão investindo dinheiro na educação dos seus filhos. Eu acho que a liberdade que nós temos na escola pública ajuda a formar a criança como um todo e não só uma criança que saiba os conteúdos. (Professora Flor do Campo, Entrevista de Aprofundamento).

Diante do relato apresentado pela professora, percebemos que o termo “velha”, utilizado por ela mesma, estava ligado à experiência comum em pessoas com idade mais avançada e não a um sentido pejorativo do velho como inútil. Percebemos que no momento da realização da entrevista da primeira etapa, a professora fez referência à escola particular, expressando decepção. Isso aconteceu em decorrência de respostas negativas que recebeu por parte das instituições particulares de ensino em que procurou conseguir um trabalho (MEIRA; LEITE, 2013).

As professoras aposentadas participantes deste estudo vivenciaram o processo de aposentadoria, fizeram planos para o retorno à docência e, agora, cabe saber quais os motivos que as levaram a retornar ao magistério. Se, como afirmamos anteriormente, a situação nas escolas é cada dia mais difícil e as relações lá estabelecidas cada vez mais complexas, o que as atraiu para esse meio?

Nas entrevistas realizadas na primeira etapa desta pesquisa, questionamos as professoras acerca das causas para a retomada do trabalho em sala de aula. Percebemos que a questão financeira tem papel muito importante na escolha pela volta ao magistério, assim como a forte vinculação das docentes com o meio escolar, construída no decorrer da carreira profissional. Embora o gosto e o prazer pelo ensino tenham sido enfatizados, o aspecto salarial foi crucial para a efetivação do retorno dessas professoras aposentadas à docência. Ao longo deste estudo, observamos que elas demonstram um sentimento de prazer com o convívio no meio escolar, pois, além do contato com as crianças, é lá também que os vínculos de amizade são construídos. Algumas citaram também a satisfação que sentem em acompanhar a evolução de cada aluno a partir de suas práticas pedagógicas.

Isso posto, entendemos que, apesar de as professoras terem sido levadas a retomar seu trabalho depois da aposentadoria pela necessidade da



complementação de renda, elas demonstram um nível de satisfação elevado, mesmo diante das dificuldades presentes no cotidiano escolar (MEIRA; LEITE, 2013).

O medo de perder o valor social, tornando-se inativas, e o sentimento de ainda ter disposição para o trabalho também foram justificativas apresentadas pelas professoras, aspectos, esses, presentes nos estudos realizados por Stano (2001), Debert (1999), Zanelli e Silva (1996).

Dessa maneira, concluímos que as docentes envolvidas na pesquisa, ainda que de municípios diferentes, apresentam praticamente os mesmos motivos para a volta ao exercício da docência: a precarização da profissão devido a falta de valorização do professor e a necessidade de buscar mais recursos.

### **3 Considerações finais**

Vivenciar a aposentadoria não constitui uma tarefa fácil, em virtude dos estigmas vinculados a essa etapa da vida, a qual demanda preparação e reflexão prévias. Segundo Stano (2001), muitos são os problemas enfrentados pelos professores que não se preparam para a aposentadoria. Afinal, efetivar a desvinculação do meio profissional, que não só era seu trabalho, mas também um ambiente de troca de conhecimento, experiências e amizade, é um processo complexo e que deve ser realizado aos poucos. (MEIRA; LEITE, 2013)

Em relação aos motivos para o retorno à docência, percebemos que as professoras aposentadas possuem uma forte vinculação com a escola pública, em virtude de fatores como a identificação com os alunos e a estabilidade proporcionada pelo serviço público. Os dilemas presentes na escola pública atual não foram encarados como dificuldades para a decisão de retornar ao magistério, visto que as professoras compartilham estratégias de enfrentamento baseadas na construção de regras com os alunos e de parceria com os seus familiares.

E, por avaliarem a experiência docente como muito relevante, a falta de valorização, no ambiente de trabalho, do saber acumulado no decorrer dos



anos foi um ponto levantando pelas professoras. De acordo com os relatos obtidos, a dinâmica no interior das escolas privilegia as reuniões daqueles que trabalham com os mesmos anos, de forma que a troca de experiência é promovida apenas dentro desse grupo, sem abertura para diálogos, discussões e reflexões com professores de outras turmas, perdendo-se assim a oportunidade de compartilhar o conhecimento adquirido nos seus muitos anos de carreira, enfim, a experiência profissional.

Acreditamos que a valorização do conhecimento do professor aposentado poderia funcionar como um ponto de apoio para outros profissionais menos experientes. O relatório da OCDE (2006) relata que em muitos países já estão sendo implantadas políticas de retenção de profissionais mais experientes nas escolas. A nosso ver, essa seria uma estratégia interessante para promover melhores resultados na preparação de professores em início de carreira. Afinal, o processo de inserção na carreira docente é permeado por conflitos e inseguranças. A presença de um professor mais experiente na recepção e acompanhamento desses novos professores traria mais confiança com relação à forma de agir mediante as dificuldades cotidianas, bem como, no tratamento dos aspectos pedagógicos.

As conclusões deste estudo, portanto, se aproximam da análise de Stano (2001), quando aponta que o estigma da velhice e da falta de importância para a sociedade são causas de conflito enfrentado por grande parte dos professores que se aproximam da aposentadoria.

### **Referências**

BEISIEGEL, C de R. **A qualidade do ensino na escola pública**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2006.

BRAGANÇA, A. B. de S. **Aposentadoria**: a experiência de professores aposentados do instituto de biologia da UNICAMP. 2004 (Dissertação de Mestrado em Educação). FEUNICAMP, Campinas, 2004.

DARTORA, C.M. **Aposentadoria do professor**: aspectos controvertidos. 2. ed. ver. atual. Curitiba: Juruá Editora, 2009.



DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice:** socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

DEPS, V. L. **A transição à aposentadoria, na percepção de professores recém aposentados da Universidade Federal do Espírito Santo.** (Doutorado em Educação), FEUNICAMP, Campinas, 1999.

LAPO, F.R. Bem-estar docente. In: SEMINÁRIO REDESTRADO. Nuevas Regulaciones em America Latina. 7. ed. Buenos Aires, **Anais**, 2008. p. 1-19.

MEIRA, V. R. A; LEITE, Y. U. F. **Professores aposentados:** quais os motivos para seu retorno à docência? São Paulo: Cultura Acadêmica: 2013.

NÓVOA, A. Desafios do trabalho de professor no mundo contemporâneo. Palestra. SINPRO-SP. 2007. Disponível em <[http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto\\_novoa.pdf](http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2011.

OCDE. **Professores são importantes:** atraindo, desenvolvendo e retendo professores eficazes. 1. ed. São Paulo, Moderna, 2006.

PERONI, V.; BAZZO, V. L.; PEGORARO, L. (Orgs.). **Dilemas da educação brasileira em tempos de globalização neoliberal:** entre o público e o privado. 1. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006.

SILVEIRA, R. J. T. O professor e transformação da realidade. **Nuances**, Revista do Curso de Pedagogia, UNESP, Presidente Prudente, v. I, n. 1. set. 1995.

STANO, R. de C. T. **Identidade do professor no envelhecimento.** 1. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo:** educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. 1. ed. São Paulo. Ática, 2001.

VEIGA. I. P. et AL. **Docentes Universitários Aposentados:** ativos ou inativos? 1. ed. Brasília: Junqueira e Marin, 2009.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N. **Programa de Preparação para Aposentadoria.** 1. ed. Florianópolis: Insular, 1996.